

Fragmentos da história do São José uma (re)construção a partir dos conceitos de memória, lugar e identidade

Hezrom Vieira Costa Lima¹

Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em História e Cultura Afro-brasileira pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jéssica Camêlo de Lima²

Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora do Governo do Estado da Paraíba

Resumo

Este artigo objetiva (re)construir a história do bairro do São José, localizado na cidade de Campina Grande - PB, sob a ótica da Memória Individual dos seus moradores mais antigos. Tendo em vista que é, sobretudo, a história pessoal de cada sujeito que determina a forma como são percebidos e praticados os espaços que compõem o seu cotidiano. Desse modo, a cidade e, conseqüentemente, todos os seus ambientes são multifacetados, na medida em que são apreendidos mediante diferentes subjetividades. Nessa perspectiva, a memória funciona como um elemento essencial na relação do indivíduo com o lugar, compreendido como o local de existência do intersubjetivo. Por meio das experiências vivenciadas no bairro são estabelecidos laços de pertencimento e identidade, os quais são importantes no entendimento dos processos históricos que envolvem o mesmo.

Palavras-chave bairro, Campina Grande, memória, lugar, identidade.

Abstract

This article aims to (re)construct the history of the São José's neighborhood, located in the city of Campina Grande - PB, from the perspective of Individual Memory of their older residents. Given that it is, above all, the personal history of each individual who determines how they are perceived and practiced the spaces that make up your daily life. Thus, the city, and therefore all their environments are multifaceted, insofar as they are grasped by different subjectivities. From this perspective, memory functions as an essential element in the relationship of the individual with the place, understood as the site of the intersubjective existence. Through the experiences lived in the neighborhood are established ties of belonging and identity, which are important in the understanding of historical processes that involve the same.

Keyword neighborhood, Campina Grande, memory, place, identity.

1 Endereço eletrônico para contato: hezromvieira@gmail.com

2 Endereço eletrônico para contato: jessicalimaf@yahoo.com.br

O Bairro do São José é um dos mais antigos e centrais da cidade de Campina Grande. Sua tradição histórica é fortemente marcada, no imaginário social, por elementos que remetem à história de Campina Grande como um todo. Todavia, sua notoriedade se dá, principalmente, no campo simbólico, na medida em que o mesmo abarca um gama de componentes da cultura material e imaterial campinense.

Dentre estes, podemos citar a presença marcante da religiosidade, percebida, inclusive, no nome do bairro, e materializada na Igreja de Nossa Senhora da Guia, na qual eram realizadas romarias, organizadas pelo Padre Pedro, pároco da igreja, e as festas de padroeira, que reuniam os moradores em torno dos carrosséis e bazares. Esses acontecimentos configuravam-se em importantes momentos de sociabilidade tanto para os moradores do bairro, quanto para as demais pessoas da cidade.



Igreja de Nossa Senhora da Guia: pavimentação da Rua Pedro I, 1962, onde pode ser percebida a Igreja da Guia ao fundo. Acervo: Jóbemis Magno.

Além disso, o Clube do Treze, fundado em 1925, representou (e continua representando) uma atração esportiva no bairro, ao passo em que ocorriam jogos aos domingos, atraindo pessoas das mais diversas localidades e, até mesmo, de regiões circunvizinhas. Elucidamos também a presença de episódios que se entrelaçam a acontecimentos de caráter mundial, como é o caso do Quartel do Exército, que serviu de abrigo para a Cavalaria no período da Segunda Guerra Mundial,³ Do mesmo modo, o Cine São José, palco de grandiosos espetáculos e ponto de encontro para os jovens desta época,

³ Posteriormente transferido para a capital do estado, João Pessoa.

constitui-se em alguns dos locais que fazem parte da construção histórica do São José, de Campina Grande e da identidade da população local.

Muitas modificações ocorreram no bairro, algumas em prol da modernidade, como a construção de prédios, a abertura de avenidas e o calçamento das ruas, outras, relacionadas ao uso de certo locais, como a transformação do Parque Infantil Coelho Lisboa⁴ no atual prédio de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba e do Chafariz, que abastecia os moradores sem acesso a água encanada e, posteriormente, funcionou com as mais diversas finalidades.

Vários destes locais já não mais exercem a funcionalidade de outrora, mas, mesmo assim, continuam subsistindo nas lembranças dos moradores do bairro e dos campinenses, de um modo geral. Sendo assim, buscamos, por meio dos relatos dos moradores antigos do São José, recompor traços da história deste bairro através de três conceitos: Memória, Lugar e Identidade. Uma vez que a história do São José se confunde, muitas vezes, com a própria história dos moradores.

Nesse sentido, para a realização da pesquisa selecionamos dois moradores antigos do São José, Maria de Fátima Dantas e Geraldo Ferreira da Costa, os quais residem no bairro a mais de 40 anos, bem com um ex-morador, Lídio Amaro de Lima, que passou a sua infância no bairro, mas atualmente reside em outro, lançando mão da metodologia da História Oral. Dessa forma, objetivamos entender como estes moradores percebem as transformações e permanências existentes no bairro e como se apropriam de suas memórias para recontar histórias referentes ao mesmo.

O percurso metodológico da pesquisa: algumas considerações sobre a metodologia da História Oral

O presente texto vincula-se à História do Tempo Presente e História Viva, buscamos situar a discussão tendo consciência dos debates e das problemáticas referentes à História, Memória e Tempo Presente, as quais se refere Motta,⁵ bem como das discussões acerca da utilização das fontes orais propostas por Voldman⁶ que “diz respeito à credibilidade e à

4 Apesar da denominação, o Parque Infantil Coelho Lisboa funcionava como uma creche e escola do curso primário.

5 MOTTA, Márcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 95-III.

6 VOLDMAN, Daniele. “Definições e usos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMARO, Janaína. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 36-37.

definição de uma fonte provocada por seu usuário imediato, bem como aos efeitos de sua constituição para a problemática da pesquisa”. No entanto, acreditamos ser de suma importância trabalhar a partir desta ótica para compreender o bairro do São José.

Para tanto, a presente pesquisa, metodologicamente, lançou mão da História Oral, uma vez que o objetivo central constitui-se na rememoração de fragmentos da história do Bairro do São José, a partir da vivência dos seus moradores. Tal metodologia tende a acrescentar informações ao trabalho dos historiadores ou daqueles que estudam memória, na medida em que amplia as perspectivas de estudo para além das fontes documentais. Ao falar sobre essa questão, Thompson⁷ salienta que

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Nesta metodologia, as entrevistas são elaboradas em consonância com os entrevistados que deixam de ser “meros” informantes e passam a ser protagonistas, privilegiando a experiência de vida daqueles que estão narrando as suas histórias. Dessa forma, a História Oral está centrada na memória e na capacidade dos sujeitos de rememorar determinados momentos que foram vivenciados ao longo de sua vida.

Não existe um consenso por parte dos seus pesquisadores sobre a definição exata do que seria História Oral, parte disso diz respeito à variada gama de procedimentos metodológicos utilizados pelos mais variados campos do saber e, também, devido a diferença significativa de localidades das “escolas” de História Oral, como Japão, Estados Unidos, Itália, Brasil, França, entre outros.⁸

Sendo assim, acreditamos que seja necessária uma diferenciação sobre as definições de Fontes Orais e História Oral. Portanto, a primeira diz respeito ao fruto do trabalho recolhido mediante as entrevistas e, a segunda, ao procedimento metodológico utilizado para a realização da pesquisa. Voldman⁹ afirma que “a fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir.” Portanto, percebemos que existe uma relação simbiótica entre história oral/memória/identidade.

7 THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 17.

8 JOUTARD, Philippe. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMARO, Janaína. *Op. cit.*, pp. 43-62.

9 VOLDMAN, Daniele. *Op. cit.*, p. 36.

Nos campos da *Mnemósine*: discutindo as Memórias do São José

A *priori*, antes de começar a discutir sobre o conceito de memória, quer seja ela individual ou coletiva, faz-se necessário “justificar”, em boa parte para os leitores mais “céticos”, o uso da mesma. Temos consciência das dificuldades encontradas por aqueles que desejam trabalhar com a memória, uma vez que esta, constantemente, sofre alterações que podem ser associadas à ação do tempo, como bem afirma a expressão bastante difundida no meio popular “minha memória não é mais a mesma”.

Todavia, apesar dos processos de intencionalidade a que está sujeito este tipo de fonte, os quais se desenrolam em práticas e relações de poder, creditamos à memória a mesma importância histórica que qualquer outra fonte. Desse modo, cabe aos historiadores, e aqui também se incluem os “estudiosos da memória” em geral, “criticá-las, buscando remediar e corrigir, ao mesmo tempo, as fragilidades e os abusos da memória”.¹⁰

Nesse sentido, a compreensão de memória, a qual nos deteremos, nesse trabalho, parte da perspectiva de Le Goff,¹¹ quando este caracteriza e enfatiza sua funcionalidade, afirmando que

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas.

Uma das primeiras conceituações que a memória elucida, seja ela individual ou coletiva, diz respeito à concepção de lembrança, ou seja, o ato de (re)lembrar o passado traz consigo um conjunto de representações que o sujeito faz de si e do momento que é (re)lembrado.

Observamos isso na fala de um morador antigo do bairro: “O São José significa a raiz da minha infância, vivida no seio da minha família. Recordações do meu tempo de infância, onde vivi o melhor da minha juventude”¹² Referindo-se ao São José, enquanto bairro, o indivíduo relembra o seu passado, associando-o diretamente as suas experiências pessoais.

Essas representações podem ser cotidianamente alteradas, pois levando-se em consideração a fluidez da identidade que o sujeito adquire ao longo de toda a sua existência,¹³ também as representações que ele faz do mundo que o cerca não serão, sempre, as mesmas.

10 RICOEUR, Paul. “Entre mémoire et histoire”. In: *Revista Projet*. Paris. nº 248, 1996, p. 10.

11 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 366.

12 LIMA, Lídio Amaro de. *Entrevista sobre a história do bairro do São José em Campina Grande - PB*. Entrevista concedida aos autores em 02/06/2012.

13 HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Portanto, apesar das concepções de memória e história defendidas por Ricouer¹⁴ e Halbwachs¹⁵ serem, em certa medida, divergentes, corroboramos com o conceito de Lembrança defendido por Halbwachs,¹⁶ ao afirmar que

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

O ato de lembrar e a representação da lembrança em si, estão carregados de subjetividade. A forma como o sujeito se apropria e representa o passado está relacionada a diversos fatores. Em consequência disto, elencamos alguns que são considerados “fatores chaves” para a compreensão da tríade memória/identidade/representação:

- 1) A percepção atual de mundo que o sujeito tem, reflete na representação do passado que ele irá desenvolver;
- 2) A memória coletiva elaborada em conjunto, por parentes e amigos mais próximos que compartilham interesses em comum, repercute na sua compreensão de lugar social;
- 3) A afetividade com determinado local pode, de certa forma, “romantizar” a representação do lugar que o indivíduo tem, da mesma forma que o oposto pode “demonizá-lo”. Dessa forma, o sujeito pode optar pelo silenciamento ou pela negação de determinadas memórias.

A memória (individual e coletiva) pode ser compreendida como um fator deveras importante, quando não, determinante, para o entendimento dos laços de sociabilidade que se desencadeiam em práticas e representações de determinado período histórico. Por esse e outros motivos, este campo de análise ganhou abertura, tanto na historiografia contemporânea, quanto nas produções e estudos de diversos historiadores atuais.

Herança de uma abordagem historiográfica bastante desenvolvida em território nacional, a historiografia campinense criou mitos fundantes e nomeou heróis para a cidade de Campina Grande. Muito se ouve falar na grandiosidade da reforma urbanística realizada no final da década de 1930 e início de 1940, pelo então prefeito Vergniaud Wanderley,¹⁷ ou como

¹⁴ RICOEUR, Paul. *Op. cit.*

¹⁵ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

¹⁶ *Ibidem*, p. 75.

¹⁷ A reforma urbanística ocorrida em Campina Grande no final da década de 1930 e início de 1940, na gestão do então prefeito Vergniaud Wanderley, teve como objetivo adequar o espaço campinense ao ideário de modernidade, seguindo determinados padrões de embelezamento e higienização já implantados em outras cidades, a exemplo do Rio de Janeiro, então capital federal.

Campina Grande só se tornou moderna com a chegada do trem, fato histórico atribuído ao então prefeito Cristiano Lauritzen, em 1904.

Nossa intenção não é diminuir ou negar a importância que estes acontecimentos e seus sujeitos exercem na memória coletiva e na história de Campina Grande. Porém, a história desta cidade não é feita, exclusivamente, para e pelas elites dominantes, mas também é vivenciada pelas populações que não ocupam o topo da hierarquia social.

Nesse sentido, o conceito de Memórias Subterrâneas, cunhado por Pollak,¹⁸ torna-se bastante relevante nessa análise, uma vez que esta abordagem ganha destaque, principalmente, quando funciona como subsídio de oposição as memórias das elites, tradicionalmente tidas como memórias oficiais. Assim, de acordo com Pollak,¹⁹

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”.

Portanto, ao analisarmos as representações do bairro do São José, elaboradas sob a ótica de moradores antigos deste bairro, constatamos que elas se enveredam por dois caminhos distintos: 1) moradores antigos que ainda hoje vivem no bairro do São José e 2) sujeitos que em determinado período de suas vidas foram moradores deste bairro, mas, atualmente, não mais residem nesta área.

Esse processo de retorno a momentos vivenciados no passado é entendido, na visão de Ricoeur,²⁰ como rememoração e

[...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da [...] infância.

Esses dois modos de praticar o bairro levam-nos a perceber que as formas de apropriação e utilização do mesmo só podem ser analisadas à luz de dois conceitos fundamentais. O primeiro diz respeito à categoria geográfica de Lugar, ao passo em que se trabalha com memórias, as quais estão intrinsecamente relacionadas ao espaço por meio da subjetividade e da afetividade, fazendo-se necessário uma abordagem mais precisa quanto a

18 POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

19 *Ibidem*, p. 2.

20 RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 8.

esta categoria. E o segundo conceito, relaciona-se à noção de Identidade, que como a anterior, também exerce uma relação simbiótica com a subjetividade/afetividade dos sujeitos envolvidos, não podendo ser analisada individualmente.

Por conseguinte, entendemos que é de grande relevância para a memória do bairro do São José e dos moradores, que suas histórias sejam contadas sob as mais variadas visões, demonstrando que a cidade é multifacetada, sendo vivenciada e praticada pelos sujeitos de formas distintas, carregados de singularidades, mas que, em algum momento, tornam-se unas quando encontram o bairro como um referencial comum.

Redescobrimo o São José: um olhar intersubjetivo sobre o Lugar

Analisar as relações de identidade estabelecidas entre o bairro do São José e os seus moradores, perpassa, também, por uma abordagem acerca do conceito de Lugar, uma vez que a dialética espaço-tempo está presente na memória e no discurso dos habitantes do bairro. A partir das experiências imbuídas de afetividade e vivenciadas cotidianamente em um determinado espaço, o indivíduo passa a perceber o local, no qual está inserido, como o seu Lugar.

Referindo-se ao Cine São José, atualmente desativado, o morador Geraldo, deixa claro a sua relação de afetividade com este espaço, que se configura para ele em um lugar:

Eu era um espectador assíduo das matinês de domingo e das sessões de casais, às sextas feiras. Hoje, o Cine São José se encontra desativado, o que é uma tristeza para nós que passamos bons momentos ali no cinema, vendo os filmes e as apresentações que ocorriam.²¹

Para as pessoas que não viveram os “momentos gloriosos” do cinema, enquanto ainda funcionava, ou não se apropriaram desse espaço de alguma forma, a sua desativação não provoca nenhum incômodo, como é o caso da população juvenil campinense, ressaltando-se, neste caso, os aspectos históricos. Contudo, para aqueles que presenciaram o Cine São José em pleno andamento, este espaço relaciona-se à vida do sujeito.

Desse modo, todos os elementos existentes no espaço (visto, neste trabalho, na dimensão do bairro), como praças, casas e outros pontos de sociabilidade se entrelaçam com a história pessoal de vida dos moradores, na medida em que são apreendidos por meio das suas subjetividades. De acordo com Carlos²²

21 COSTA, Geraldo Ferreira da. *Entrevista sobre a história do bairro do São José em Campina Grande - PB*. Entrevista concedida aos autores em 18/05/2012.

22 CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 17.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Portanto, o bairro adquire vida enquanto lugar propício ao namoro, aos encontros, as brincadeiras e ao diálogo, sendo uma extensão da própria vida do sujeito, conforme foi relatado pela moradora Maria de Fátima: “O São José pra mim, significou uma infância feliz, cheia de bons momentos e memórias agradáveis, de amizades que duram até hoje”.²³



Cine São José na década de 1950 (autor desconhecido).

Apesar das modificações ocorridas, em âmbito mundial, devido a processos globalizantes, os lugares permanecem resguardando a sua singularidade. Atenuam-se as relações de vizinhança, marcadas pelo surgimento da televisão, por exemplo, ou pelo adensamento dos automóveis nas ruas e o aumento da violência, que retirou as cadeiras das calçadas, mas todos os momentos de sociabilidade que ocorreram permanecem na memória dos moradores, mantendo os laços de identidade.

²³ DANTAS, Maria de Fátima. *Entrevista sobre a história do bairro do São José em Campina Grande - PB*. Entrevista concedida aos autores em 24/08/2012.

Podemos observar essas modificações na fala de Lídio: “A vida era tranquila antigamente, os moradores conversavam bastante na calçada, a juventude se encontrava em frente ao Cine São José, mas com a violência, ninguém mais faz isso”.²⁴

O sentido atribuído aos objetos existentes no espaço faz com que se efetivem experiências íntimas com o lugar. Estas ficam no campo do inconsciente, mas sempre que afloram, por alguma razão, a consciência, evidenciam a significação que determinada área tem para o indivíduo. Nas palavras de Leite²⁵

Os lugares normalmente não são dotados de limites reconhecíveis no mundo concreto. Isto ocorre porque sendo uma construção subjetiva e ao mesmo tempo tão incorporada às práticas do cotidiano que as próprias pessoas envolvidas com o lugar não o percebem como tal. Este senso de valor só manifesta-se na consciência quando há uma ameaça ao lugar, como a demolição de um monumento considerado importante [...]

Notamos, assim, que o lugar é dotado de múltiplas faces, as quais são vinculadas ao espaço através das diferentes formas de apropriação e das relações sociais efetivadas nesse meio.

Cabe ressaltar que os moradores percebem esses elementos de maneira distinta. A realidade é apenas uma, mas a forma como cada pessoa a vê é diferenciada. Nesse sentido, as imagens, ou seja, as representações feitas do bairro são construídas cotidianamente, através da vivência de cada um e é essa afetividade que configura a identidade do lugar e, por conseguinte, do bairro. Segundo Viana:²⁶ “Os elementos representativos do bairro expressam ao lugar uma individualidade, ou seja, uma singularidade, refletindo os diversos momentos históricos que a unidade vivenciou ao longo de sua trajetória”.

Por meio dos sentidos do corpo humano, tais quais a visão, a audição e o olfato, o morador passa a vivenciar o bairro nos seus mais diversos aspectos. Ao se deparar com algum elemento que remeta ao seu lugar, as experiências e lembranças pessoais logo são evocadas. Sobre esta questão argumenta Carlos²⁷

24 LIMA, Lídio Amaro de. *Entrevista sobre a história do bairro do São José em Campina Grande - PB*. Entrevista concedida aos autores em 02/06/2012.

25 LEITE, Adriana Filgueira. “O lugar: duas acepções geográficas”. In: *Revista Anu. Inst. Geocienc.* [online]. 1998, v. 21, p. 4. Acesso em: 01 de jun. de 2012. Disponível em: «http://ppegeo-local.igc.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010197591998000100001&lng=es&nrm=iso».

26 VIANA, Arlindo. “Reconhecendo o bairro da Iputinga: as representações simbólicas do lugar na cidade do Recife”. In: II Seminário Nacional do Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura. *Anais...* Recife, 2010, p. 2.

27 CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Op. cit.*, p. 20.

Como o homem percebe o mundo? É através do seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo- dos sentidos- dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...].

Assim, o cotidiano, o espaço e a memória se entrelaçam compondo a própria identidade do sujeito, conforme pode ser notado ainda na fala de Lídio: “Tenho muito apego ao campo do treze,²⁸ porque era vizinho ao sítio da minha avó, onde passei toda a minha infância, caçando, tomando banho nos açudes...”.²⁹ A representação feita pelos moradores do bairro transcorre, desse modo, por uma leitura social, cultural e, sobretudo, simbólica do espaço.

De acordo com Serpa³⁰ “o lugar pode ser identificado a partir de três componentes que se inter-relacionam: traços físicos, atividades e funções observáveis, bem como os significados ou símbolos”. Compreender o lugar significa, então, entender a diversidade e a intensidade de experiências que se evidenciam nesse âmbito e que se materializam através das distintas formas de uso que cada sujeito faz de um mesmo local.

O lugar se trata, de fato, dos referenciais afetivos que são desenvolvidos ao longo da vida, a partir da convivência com o meio e está indissociavelmente ligado ao plano do imediato, ou seja, do vivido. Todavia, essas relações não são apenas com o ambiente, mas também com o “outro”. Quando um indivíduo se refere a determinado lugar, certamente, lembra-se, ainda, das pessoas que compartilharam histórias e fizeram parte da construção desta identidade.

28 O campo do treze ao qual o entrevistado se refere é o campo do Treze Futebol Clube, um dos mais antigos da cidade.

29 LIMA, Lídio Amaro de. *Entrevista sobre a história do bairro do São José em Campina Grande - PB*. Entrevista concedida aos autores em 02/06/2012.

30 SERPA, Angelo. “Lugar e centralidade em um contexto metropolitano”. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E.B.. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 100.

Representações de identidade no bairro do São José

Tendo em vista que o objetivo deste artigo é retomar memórias de vivências dos moradores antigos do bairro do São José e que estes detêm com o bairro uma relação de afetividade e pertencimento, faz-se necessário, também, uma discussão acerca das questões pertinentes a Identidade. Esta relação de pertencimento só se torna possível a partir do momento em que o morador se identifica com o bairro e denota para este um lugar de destaque na sua vida e ao fazer isto estabelece um vínculo de afetividade que se transforma, posteriormente, em identidade.

Ao falar sobre memória, invariavelmente recorreremos, também, as discussões de identidade, já que estes dois conceitos são indissociáveis e complementares. Dessa forma, compreendemos a identidade como uma construção histórica que perpassa as mais variadas esferas da vida do sujeito, sendo (re)feita continuamente. A respeito disto, afirma Hall³¹

Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação.

Se a identidade não é algo recebido pronto, entendemos, por conseguinte, que o seu processo de construção nunca terá fim, ou seja, ela se modificará e adquirirá novos significados ao longo da vida do sujeito, adotando, assim, múltiplas concepções, que podem ser, inclusive, antagônicas, e não necessariamente eternas, na concepção de sujeito que Hall³² caracteriza como pós-moderno.

Na pós-modernidade as velhas identidades foram suplantadas por essa nova compreensão acerca dos sujeitos, no qual este passou a ter uma identidade fragmentada, apropriando-se não mais apenas de uma forma de ser, mas sim, das mais variadas representações, sejam elas antagônicas ou não.

Assim, os indivíduos passaram a ser dotados de um leque de possibilidades identitárias que se relacionam as constantes, rápidas e permanentes mudanças que ocorreram nas sociedades hodiernas, tornando-a um jogo complexo, já que a fluidez com que tais sujeitos transitam de uma esfera para outra, não elimina necessariamente as identidades construídas previamente.³³

31 HALL, Stuart. *Op. cit.*, p. 68.

32 *Idem.*

33 LIMA, Hezrom Vieira Costa. *Caleidoscópio de Identidades: Um olhar sobre as Práticas e Representações Juvenis no Underground Cristão em Campina Grande - PB. Monografia (Graduação em História).*

As identidades de pertencimento com o bairro são construídas, principalmente, em relação ao “outro”, ou seja, o “não morador” do São José. Dentro desse contexto, podemos ressaltar, ainda, os estudos de Hall³⁴ quando este disserta acerca do caráter de reconhecimento identitário pelo outro. Nesse sentido, para o autor, a identidade surge

[...] não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.

Essa relação de diferença para com o “não-morador” implica aos moradores do bairro uma outra, que se torna inversamente proporcional, a relação de semelhança, pois o simples fato de ser morador deste bairro trás para o indivíduo, e para aqueles que compartilham desse mesmo contexto social, um *status* positivo. Strauss³⁵ elucida essa questão ao abordar a mudança de condições na vida de um sujeito

A afiliação a um grupo ou estrutura social permanente implica, inevitavelmente, a passagem de um *status* para o outro. Para que um grupo perdure e se desenvolva, cada *status* deve ser preenchido, os trabalhos devem ser feitos.

Strauss³⁶ explicita, acerca do conceito de *status*, que se um indivíduo deseja morar no bairro e, conseqüentemente, compartilhar de determinado grupo social, ele deve se adaptar. Assim, “A consecução do *status* pode exigir que tenhamos certa experiência, e satisfaçamos certos padrões de conduta e desempenho”.³⁷

Essa adaptação ao novo bairro é associada a uma espécie de treinamento, tendo em vista que o novo morador agora se tornará “parte” deste e, portanto, deve agir como um “verdadeiro” morador do mesmo. Primeiro ele deve observar como os moradores mais antigos se comportam e as regras de sociabilidade devem ser respeitadas para que a ordem seja mantida. “Quando as passagens de *status* são mais ou menos bem reguladas, aqueles que já percorreram as etapas reconhecidas estão prontos, [...] a guiar e aconselhar seus sucessores”.³⁸

Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

34 HALL, Stuart. *Op. cit.*, p. 39.

35 STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e máscaras: a busca da identidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p.108.

36 *Idem*.

37 *Ibidem*, p. 109.

38 *Ibidem*, p. 115.

Considerações Finais

Através da utilização da memória, bem como da metodologia da História Oral, foi possível rememorar alguns elementos da história do bairro do São José, a partir dos relatos obtidos com os moradores que não estão presentes na “dita” história oficial de Campina Grande. Nesse contexto, podemos perceber que a discussão norteadora pela tríade memória/lugar/identidade foi de suma importância para a compreensão da construção das relações identitárias e afetivas desenvolvidas entre os moradores do São José com o lugar e com o “outro”, nesse caso, os não-moradores.

Desta maneira, creditamos grande relevância às memórias daquelas pessoas que vivenciaram e praticaram o bairro do São José nas suas mais variadas formas, reinventando cotidianamente os seus lugares de sociabilidade e vivências no bairro e na cidade. Por meio do resgate destas experiências cotidianas destes moradores, elencamos fragmentos da história do São José que contribuem significativamente para as representações de Campina Grande. Entendemos, portanto, que as transformações ocorridas no bairro em prol da modernidade, modificaram, apenas, a paisagem do São José, mas a história do bairro permanece preservada na memória coletiva dos moradores.

Referências bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOUTARD, Philippe. “História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMARO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, (p. 43-62).
- LEITE, Adriana Filgueira. “O lugar: duas acepções geográficas”. In: *Revista Anu. Inst. Geoci-enc.* [online]. 1998, v. 21. Disponível em: «http://papego-local.igc.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010197591998000100001&lng=es&nrm=iso». Acessado em: 01 de junho de 2012, p. 09-20.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: _____. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

LIMA, H. V. C. & LIMA, J. C. de (...) USP, Ano V, n. 7, p. 89-104, 2014

LIMA, Hezrom Vieira Costa. *Caleidoscópio de identidades: um olhar sobre as práticas e representações juvenis no underground cristão em Campina Grande - PB*. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, 2010.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 95-III.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, vol. 2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. “Entre mémoire et histoire”. In: *Projet*. Paris, n. 248, 1996.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. “Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)”. In: *Revista Brasileira de História*. V. 23, n. 46. São Paulo: 2003.

STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e máscaras: a busca da identidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SERPA, Angelo. “Lugar e centralidade em um contexto metropolitano”. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 97-108.

VIANA, Arlindo. “Reconhecendo o bairro da Iputinga: as representações simbólicas do lugar na cidade do Recife”. In: II Seminário Nacional do Laboratório de Estudos sobre Espaço e Cultura. *Anais...* Recife, 2010.

VOLDMAN, Daniele. “Definições e usos”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMARO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

